

Internet, Geração Y e Saúde: um Estudo nas Comunidades de Manguinhos (RJ)¹

André Pereira Neto²
Leticia Barbosa³
Stephanie Muci⁴

² Pesquisador em Saúde Pública. Fundação Oswaldo Cruz, RJ, Brasil

³ Mestranda em Informação e Comunicação em Saúde. Fundação Oswaldo Cruz, RJ, Brasil

⁴ Graduada em Saúde Internacional. Universidade de Georgetown, Washington DC, Estados Unidos

Resumo

A Internet é a principal tecnologia informação e comunicação na atualidade. Ela trouxe mudanças em diversos campos da sociedade, inclusive a saúde. Ainda que seu acesso tenha aumentado ultimamente, a exclusão digital persiste, principalmente entre excluídos sociais. As questões que nortearam este estudo foram as seguintes: É possível falar de exclusão digital ainda hoje? Que lugar a saúde ocupa na busca de informações on-line? Foi aplicado um questionário a adultos jovens, moradores das comunidades de Manguinhos (RJ) enquanto aguardavam a consulta na sala de espera de unidades básicas de saúde públicas. Nossos achados indicam que embora estes indivíduos continuem excluídos socialmente, a exclusão digital está diminuindo entre eles graças às tecnologias móveis. A população pesquisada usa amplamente esta tecnologia como fonte de informação sobre saúde.

Palavras-chave

Inclusão Digital; Informação sobre Saúde; Tecnologias Móveis; Geração Y.

Introdução

A Internet é uma das principais tecnologias de informação e comunicação na atualidade. Ela trouxe mudanças paradigmáticas em relação a forma como nos comunicamos e nos relacionamos, configurando novos espaços para encontro, comércio e troca de conhecimento (CASTELLS, 2003). Entretanto, a expansão do acesso à Internet não se fez de forma semelhante em todo o planeta, conformando a problemática conhecida como *exclusão digital*. Indicadores socioeconômicos como escolaridade e renda per capita

¹ Trabalho apresentado no GP Multimídia, XV Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

incidem consideravelmente sobre as diferenças no acesso e uso da Internet (WAGNER et al, 2005). No contexto brasileiro, o acesso à Internet tem aumentado vertiginosamente nos últimos anos, configurando um avanço expressivo da presença e uso das TICs (CGI, 2013). Apesar da ampliação drástica no acesso, a exclusão digital ainda persiste no país.

Neste contexto mais geral, o consumo de informação on-line tem crescido entre os internautas (COTTEN; GUPTA, 2004; WEAVER et. al, 2010). A adoção em larga escala da Internet acarretou transformações em prática e modos de organização de diversos campos da sociedade. A saúde não é uma exceção neste cenário: é uma das temáticas mais pesquisadas na rede e se configura como uma das áreas na qual há uma crescente quantidade de informação disponível (VANBIERVLIET; EDWARDS-SCHAFFER, 2004). A prática de pesquisar informações sobre sua condição de saúde tem se tornado recorrente entre os internautas, contribuindo para reconfigurações na relação médico-paciente e ações voltadas para promoção da saúde (GARBIN et. al, 2008; idem, 2012).

Jovens entre 18 e 27 anos tem sido o foco de pesquisas acadêmicas e mercadológicas nas últimas décadas. Conhecidos como “Geração Y”, eles encontram-se em constante conexão, sendo considerados os mais proeminentes usuários da Internet e demais TICs. Estes jovens são considerados “Nativos Digitais”: indivíduos que nasceram e cresceram em um mundo onde o aparato tecnológico eletrônico imbricou-se, cada vez mais, com suas rotinas e tarefas cotidianas, tanto no âmbito pessoal quanto profissional (PRENSKY, 2001).

Considerando as especificidades comportamentais da Geração Y, assim como o multifacetado panorama no qual a temática Internet e saúde está inserida, a pesquisa que deu origem a este artigo foi desenvolvida junto a jovens moradores de comunidades de baixa renda, na cidade do Rio de Janeiro. Os usuários foram abordados nas salas de espera do Centro de Saúde Escola Germano Sinval Faria (CSEGSF) e da Clínica de Saúde da Família Victor Valla, enquanto aguardavam o momento da consulta médica.

Centro de Saúde Escola Germano Sinval Faria é um dos departamentos da Escola Nacional de Saúde Pública (ENSP), da Fundação Oswaldo Cruz, atendendo a população moradora de Manguinhos. Atualmente, o Centro de Saúde coordena, em parceria com a Secretaria Municipal de Saúde do Rio de Janeiro, o projeto Teias-Escola Manguinhos.

Responsável pela gestão da atenção primária de saúde, tal iniciativa adota a Estratégia Saúde da Família (ESF) como ordenador do sistema de saúde local (TEIAS, 2014), sendo a Clínica Victor Valla uma de suas partes integrantes.

Ambas unidades de saúde são responsáveis pelo atendimento da população adscrita de Manguinhos, região localizada na zona norte da cidade do Rio de Janeiro com cerca de 36 mil habitantes. Cabe ressaltar que a área geralmente referida como Manguinhos é composta por comunidades singulares em relação ao seu processo de constituição e perfil socioeconômico. Ainda que consideráveis discrepâncias possam ser observadas entre as comunidades, elas compartilham, no cômputo geral, uma realidade de exclusão social, marcada pelo desemprego, analfabetismo, vulnerabilidade, descaso governamental e violência (FERNANDES; COSTA, 2013; PIVETTA et al, 2011).

A partir deste cenário, duas questões nos parecem importantes para o presente artigo. A primeira refere-se a exclusão digital. Perguntamos: é possível falar de exclusão digital ainda hoje? A segunda avalia o padrão de consumo de informações de saúde na Internet. Perguntamos: Que lugar a saúde ocupa na busca de informações on-line? Este artigo busca abordar estas questões analisando um estudo de caso específico: jovens de comunidades da baixa renda, usuários do Sistema Único de Saúde (SUS).

Métodos e Técnicas

Este trabalho é um estudo exploratório, pois visa conhecer melhor esta realidade, seu significado e o contexto onde ela se insere. Um estudo exploratório visa conhecer o comportamento humano no contexto social onde ele ocorre (PIOVESAN; TEMPORINI, 1995). Como esta realidade é pouco conhecida, este tipo de estudo se impõe como uma alternativa para a formulação de hipóteses e questões para futuras pesquisas. O estudo exploratório tem como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema que a realidade da investigação apresenta ao pesquisador. Com ele, este problema se torna explícito (GIL, 1999).

Este estudo procura conhecer a realidade de alguns jovens moradores de comunidades de baixa renda que residem em Manguinhos, no Rio de Janeiro e que aguardavam a hora da consulta em uma sala de uma Clínica de Atenção Primária vinculada

ao Sistema Único de Saúde (SUS). Estes jovens estão, portanto, inseridos no sistema público de atenção à saúde – condição que não é compartilhada por todos os jovens deste perfil socioeconômico.

O objetivo deste artigo é conhecer e analisar o perfil de consumo de informação de saúde on-line por alguns jovens moradores de comunidades de baixa renda. O recorte etário deve-se à distinta relação de familiaridade e uso intensivo que esta geração possui com as novas tecnologias de informação e comunicação. O caso analisado é particular pelo fato destes jovens estarem frequentando um ambiente institucional voltado para a atenção primária, integrada ao Sistema Único de Saúde, no momento em que participaram desta pesquisa. Eles estão, portanto, inseridos no sistema: tem um registro formal e aguardam atendimento.

Investigar o consumo de informação sobre saúde entre jovens moradores de comunidades de baixa renda como aquelas em Manguinhos possibilita averiguar as hipóteses formuladas acerca desta geração. Embora estudos sobre inclusão digital tenham crescido nos últimos anos, debruçar-se sobre a relação inclusão digital e inclusão social entre É possível explorar as circunstâncias e possibilidades de superação da exclusão digital, assim como as relações entre condições e restrições socioeconômicas, acesso e uso das TICs e hábitos de consumo de informação sobre saúde em mídias digitais. Estabelecer o campo de pesquisa em unidades públicas de saúde garantiu o acesso a indivíduos oriundos de realidades socioeconômicas ambíguas que estão formalmente inseridos na rede de atenção primária. Em alguma medida, esses jovens possuem uma rotina médica tangenciada pela estratégia de prevenção e promoção da saúde.

Este artigo também busca aprofundar o debate sobre cibercultura e inclusão digital, atentando para suas configurações no campo da saúde pública e para a questão da população jovem de camadas mais pobres. Ao mapear a produção científica nacional em Cibercultura apresentada nas edições nacionais do Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Amaral e Montardo (2011) apontam para o crescimento de estudos voltados para a inclusão digital nos anos de 2006 a 2010. Considerando este cenário, investigar o consumo de informação on-line sobre saúde entre jovens moradores de Manguinhos possibilita-nos contribuir e ampliar o debate sobre inclusão digital, relacionando-o à

inclusão social de jovens de baixa renda, aos possíveis impactos da Internet em sua saúde e às perspectivas para o campo da saúde pública no século XXI.

Trata-se de um estudo exploratório, pois não pretende apresentar generalizações a partir dos achados da pesquisa.

A coleta de dados deste estudo foi realizada a partir de um questionário com perguntas fechadas. O processo de amostragem utilizou o método de amostra por conveniência, e seguiu critérios relacionados à faixa etária, local de residência e utilização dos serviços de atenção primária oferecidos pelo Sistema Único de Saúde.

Foi construída uma ferramenta com 13 questões, inspirada em pesquisas anteriores do CGI e do “Pew Research Center”. Ela tem três seções: “identificação”, “acesso à Internet” e “acesso à Internet para informações sobre saúde”. A primeira seção foi projetada para identificar o perfil socioeconômico do participante. A segunda visava verificar como estes jovens adultos acessavam a Internet. As variáveis investigadas, neste caso, incluem a tecnologia utilizada, o local a frequência de acesso. A terceira seção foi destinada a avaliar o comportamento destes jovens adultos na busca de informação sobre saúde na internet. As questões foram direcionadas para avaliar o tipo de informação sobre saúde pesquisada na Internet, sua frequência e seu momento do acesso. Além disso pretendíamos verificar os fatores motivacionais envolvidos (privacidade, conveniência e curiosidade). A confiança na informação também esteve presente entre nossas preocupações.

A ferramenta foi aplicada entre outubro e novembro de 2013, totalizando um período de cinco semanas, a jovens adultos que frequentavam a sala de espera de duas unidades básicas de saúde responsáveis pela atenção primária no território de Manguinhos. No momento de sua aplicação, o participante deveria atender aos seguintes critérios: 1) identificar-se como um atual usuário da Internet; (2) ser homem ou mulher com idade entre 19 e 24 anos; (3) residir atualmente em Manguinhos; e (4) concordar em participar desta investigação.

Realizamos, portanto, um estudo exploratório com jovens que residem em comunidades localizadas no bairro de Manguinhos, na Zona Norte da cidade do Rio de Janeiro. O instrumento de pesquisa utilizado considerou apenas três variáveis: a condição socioeconômica, a faixa etária e a inserção no SUS.

Esta pesquisa foi submetida e aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Escola Nacional de Saúde Pública, no Rio de Janeiro, Brasil, sob o nº de parecer 460.098, e recebeu o apoio do Centro de Saúde Escola Germano Sinval Faria (CSEGSF) e da Clínica da Família Victor Valla para aplicar os questionários em suas salas de espera.

O perfil da população que participou da amostra utilizada nesta investigação foi desigual em relação ao gênero: 74,1% dos participantes eram mulheres e 25,9% homens. A distribuição etária foi razoavelmente uniforme, com média de idade em 21,1 anos, em uma população de 19 a 24 anos de idade. Em relação à escolaridade, a maioria dos entrevistados tem o ensino médio completo (32,5%), e apenas 10,9% da população completou o ensino fundamental. Grande parte da população amostrada pertence à classe D e E (78,1%), com a renda familiar em média de até dois salários mínimos - isto é, R\$ 1.356,00, de acordo com o piso nacional vigente em 2013.

Exclusão digital acabou?

Dados da nossa pesquisa indicam que os jovens de Manguinhos acessam à Internet: eles não são excluídos digitais. Das 229 pessoas inicialmente abordadas, 87,8% (N=201) afirmaram utilizar esta tecnologia. Por esta razão, elas se tornaram elegíveis para completar o questionário com seus dados demográficos e seu perfil de consumo de informação.

Este resultado foi muito mais alto do que aquele encontrado na pesquisa nacional realizada pelo CGI em 2012. O *Survey* nacional realizado indicou que acesso à Internet nas classes D e E é de cerca de 20%. Esta discrepância talvez possa ser explicada pelo fato do CGI não associar, neste caso, o perfil socioeconômico com a faixa etária.

Se compararmos os resultados que obtivemos em relação à faixa etária, o acesso e frequência de uso entre os jovens pesquisados é compatível com a média nacional e estadunidense. Em Manguinhos, cerca de 66,7% dos jovens acessam diariamente a Internet. Este percentual é semelhante àquele encontrado no Brasil. Os dados do CGI (2013) indicam que 63% acessam diariamente a Internet. Este foi o mesmo índice encontrado pelo Pew Research Center nos Estados Unidos. O que nos surpreende é que os jovens de Manguinhos têm um perfil socioeconômico muito baixo que os diferencia dos jovens do Brasil e dos Estados Unidos. Entretanto, o padrão de acesso à Internet foi semelhante.

Os resultados da pesquisa apontam a Geração Y de Manguinhos, representada nesta amostra populacional, demonstra índices de acesso e frequência de uso semelhantes ao mesmo grupo etário de classe social, renda e escolaridade mais elevados. Para este grupo amostrado, as possíveis restrições decorrentes de seu perfil socioeconômico não impediram sua inclusão digital e familiaridade com o cenário tecnológico contemporâneo. Assim como observado no contexto nacional e internacional, a exclusão digital está diminuindo, e possivelmente descolando-se da exclusão social, ao menos significativamente entre indivíduos de faixas etárias jovens.

É possível que os índices averiguados entre a população amostrada sejam influenciados pelo fato de Manguinhos estar localizado em um espaço urbano, no centro da região metropolitana do Rio de Janeiro, cuja taxa de urbanização (99,3%), é a maior do país (IBGE, 2010). Em zonas rurais, cerca de 77% da população local nunca acessou à Internet, devido principalmente à falta de disponibilidade de conexão na área. Por outro lado, 60% dos moradores de zonas urbanas já acessaram a Internet (CGI, 2013).

Os jovens moradores de Manguinhos acessam a Internet principalmente por celular (42,3%), *desktop/computador de mesa* (27,9%) e *laptop* (22,3%), seguido por tablets (4,5%), outros (2,5%) e não identificados (0,5%). Os percentuais encontrados na nossa amostra são significativamente diferentes daqueles obtido pelo CGI no Brasil em 2012. Na pesquisa nacional, o percentual de uso de *desktop/computador de mesa* entre as classes D e E atingiu cerca de 63%. Mais uma vez, cabe lembrar, que na pesquisa nacional, não estão computados os jovens deste perfil socioeconômico. De qualquer maneira, parece evidente que os jovens de Manguinhos acessam a Internet por tecnologias móveis.

Os resultados obtidos com este estudo realizado em Manguinhos são compatíveis com a pesquisa “Panorama da Internet no Brasil”, realizada em 2013 pela agência F-Nazca Saatchi & Saatchi em parceria com o Instituto DataFolha. Segundo dados da pesquisa, cerca de 41 milhões de pessoas acessam a Internet pelo celular. O telefone móvel está se tornando, portanto, a porta de entrada e o principal meio de acesso à rede. O meio de acesso a Internet averiguado entre os jovens de Manguinhos também é consonante com o contexto estadunidense. De acordo com dados fornecidos pelo “Pew Research Center”, 55% dos jovens adultos utilizam celular para acessar à Internet. Nos dois casos, cabe lembrar, o

perfil socioeconômico é distinto daquele encontrado entre nossos entrevistados. Isso não impede que façamos algumas reflexões sobre estes dados.

A inclusão digital observada em Manguinhos pode estar relacionada, portanto, ao significativo uso do celular como principal meio de acesso à rede on-line. A predominância desta tecnologia como principal meio de acesso à Internet é característico do atual panorama comunicacional. As redes de comunicação sem fio difundiram-se a uma velocidade jamais registrada até o momento por qualquer outra tecnologia comunicacional. A disseminação global da telefonia móvel nas últimas décadas é a face mais visível desse crescimento (CASTELLS, 2009).

A difusão da telefonia móvel encontra-se atrelada às constantes e rápidas transformações do celular (FIDALGO; CANAVILHAS, 2009). As novas formas de interação e produção de conteúdo, associadas aos múltiplos usos agregados a um só aparelho, tornaram o celular uma expressão da convergência digital midiática (JENKINS, 2009). A disponibilização do acesso ao ciberespaço no aparelho contribuiu para que a Internet fosse considerada o principal meio de informação, superando a imprensa. A crescente adesão à telefonia móvel é também consonante com a computação móvel, ubíqua e pervasiva que caracteriza o século XXI: ela está presente na vida dos cidadãos em todo o tempo e lugar (WEISER, 1991). Tecnologias digitais como o celular são propícias aos cenários urbanos contemporâneos de mobilidade e conexão permanentes (LEMOS, 2004). Este parece ser o caso vivenciados pelos jovens de Manguinhos que entrevistamos.

O crescimento da telefonia móvel não ocorreu de modo uniforme. No entanto, a insuficiência e carestia das linhas fixas e os serviços pré-pagos foram fundamentais para sua popularização, especialmente entre grupos de baixa renda. Nesse contexto, não é surpreendente que os participantes desta pesquisa revelem que o celular é o principal meio que para acessar a Internet. Hoje o Brasil possui o sexto maior mercado mundial de telefonia móvel, sendo o maior da América Latina (CASTELLS, 2009). Em 2003, o número de celulares superou o número de telefones fixos. Em 2013, cerca de 271 milhões de telefones celulares ativos foram contabilizados no país, dos quais 78,05% estão no sistema pré-pago (TELECO, 2014). Inicialmente o acesso à Internet via telefonia móvel possuía pequeno crescimento e baixa penetração, por ser caro, lento e restrito (BITTENCOURT,

2009). Nos últimos anos o custo do serviço tornou-se mais baixo e acessível, principalmente através da conexão 3G e dos planos pré-pagos.

Para grupos de baixa renda como os jovens adultos moradores de Manguinhos, o investimento em celulares e na Internet móvel pode ser estratégico, por ser mais barato e cômodo. Ainda que o preço de *smartphones* seja alto no Brasil, a relação custo-benefício é mais vantajosa do que a compra de um computador, cujos custos incluem, além da aquisição, energia elétrica e contrato para fornecimento de conexão. O acesso à Internet é mais barato e cômodo do que aquele realizado em *Lan Houses*. Os indivíduos podem acessar a rede através de zonas abertas de WiFi ou tecnologia 3G, pagando alguns centavos pelo dia que decidir usar.

O uso de dispositivos móveis não implica em um acesso majoritariamente realizado fora do domicílio: apesar de ser feito através de celulares e demais tecnologias móveis, o maior local de acesso ainda é a residência. Na pesquisa conduzida em Manguinhos, o percentual de jovens que recorrem ao acesso doméstico é 57,7%, com apenas 6% reportando uso de LAN House (acesso público pago). Estes dados são consonantes aos resultados obtidos pela agência F-Nazca Saatchi & Saatchi e à pesquisa nacional do CGI, nos quais a residência é o principal local de acesso. Segundo CGI, cerca 66% dos indivíduos entre 16 e 24 anos realizam acesso em casa enquanto apenas 29% o realizam em centro público de acesso pago – índice mais alto do que aquele constatado em Manguinhos. Em comparação aos Estados Unidos, o projeto “Pew Internet and American Life” relatou que, em 2003, 45% das pessoas on-line de baixa renda acessaram a Internet em casa, o que corrobora as estatísticas nacionais.

Nesse contexto, o entrecruzamento da telefonia e Internet móveis configura o fenômeno denominado de “mobilidade fixa” (WATSON, 2009). Embora dispositivos móveis como o celular possibilitem a desterritorialização do acesso à rede, permitindo permanente conexão em qualquer hora e lugar desde que não haja bloqueios deliberados, a conveniência e comodidade territorializam o acesso no ambiente doméstico, tornando a residência o principal local de acesso.

Conforme foi possível observar, a popularização de celulares, assim como o barateamento de serviços de conexão móvel, podem ter contribuído para a inclusão digital,

especialmente em grupos jovens de baixa renda, descolando o binômio exclusão digital-exclusão social. Entretanto, isto não implica afirmar que a exclusão social foi plenamente erradicada ou que desigualdades socioeconômicas não influenciam no acesso às TICs.

O que os jovens querem saber?

Os resultados mostram que a Internet é frequentemente utilizada entre os jovens de Manguinhos, inclusive para acessar informações sobre saúde: cerca de 60,2% relataram esse tipo de uso. O percentual encontrado é maior do a média nacional, porém compatível com índices estadunidenses. Segundo CGI (2013), 40% dos jovens de 16 a 24 anos buscam informações sobre saúde ou serviços relacionados a saúde. Esta é a terceira atividade on-line mais realizada no quesito de pesquisa informacional. Comparando aos Estados Unidos, o “Pew Research Center” estima que 59% dos jovens adultos acessam informação de saúde na Internet. Em relação à frequência do acesso on-line para pesquisa deste tipo de informação, 51,6% dos jovens de Manguinhos relataram fazê-lo frequentemente. A Internet coloca-se, portanto, uma das principais fontes de informação sobre saúde. O resultado encontrado talvez possa ser explicado pelo fato dos entrevistados estarem em uma sala de espera de um serviço de saúde. Esta condição nos permite inferir que eles estejam potencialmente interessados em assuntos de saúde.

Um primeiro aspecto a ser ressaltado relaciona-se com a compra de medicamentos on-line. Apenas 7,4% dos entrevistados acessam a Internet para comprar medicamentos. Este percentual é dissonante das práticas de automedicação e do subsequente potencial iatrogênico comumente associado ao consumo de informação sobre saúde na Internet (COELHO et al, 2013). A automedicação pode ser facilitada pelo ambiente virtual, onde há informações sobre sintomas e tratamentos amplamente disponibilizadas, assim como pela facilidade da aquisição de medicamentos sem prescrição médica e por preços mais baixos. Em uma pesquisa realizada com estudantes adolescentes em Fortaleza, o custo elevado e a dificuldade de acesso e atendimento em postos de saúde foram apontados como os principais motivos para a automedicação, em especial entre os estudantes do sistema público de ensino (SILVA et al, 2011).

Os jovens pesquisados em Manguinhos possuem uma realidade que os diferenciam dos relatos geralmente encontrados na literatura acadêmica sobre Internet e automedicação. Por serem usuários da Estratégia da Saúde da Família, possuem uma rotina médica regular, com consultas previamente marcadas nas unidades básicas de saúde onde são acompanhados a longo prazo pela mesma equipe de profissionais. O acesso ao sistema público de saúde, portanto, é garantido a eles, o que não ocorre em muitos grupos populacionais brasileiros. O acompanhamento médico regular e a longo prazo pode proporcionar conforto e segurança na relação médico-paciente, estimulando o indivíduo a solucionar suas dúvidas quanto a sua condição de saúde e possíveis medicações diretamente com o profissional de saúde. Além disso, como usuários do SUS, estes indivíduos também recebem medicações gratuitas no Centro de Saúde. Este aspecto pode explicar o baixo índice de compra on-line de medicamentos. O pequeno percentual de usuários que realizam esta atividade possivelmente o fazem para comprar vitaminas ou medicações não disponíveis nos serviços públicos de saúde.

Um segundo aspecto que nos chamou atenção nos questionário foi o percentual de entrevistados que acessa a internet para pesquisar sobre o condicionamento físico e nutrição para si mesmo, um familiar ou outra pessoa (65,6%). Este percentual mostra que os moradores de Manguinhos estão preocupados com a sua saúde e de sua família, desejam perder peso e alimentar-se melhor. A expressiva preocupação com o bem-estar físico observada pode ser relacionada, novamente, à especificidade da população pesquisada. Os participantes foram entrevistados na sala de espera de unidades básicas de saúde, onde já buscam atenção e orientação médica. Sua inserção formal na estratégia pública de atenção primária e a rotina assistencial por ela prevista, submetem os usuário à ordem biomédica. Esta rotina leva os usuários a se habituarem, em maior ou menor medida, às práticas de prevenção e promoção da saúde. A busca por informações é uma outra dimensão deste mesmo comportamento.

Na Clínica Victor Valla, por exemplo, usuários cadastrados na ESF podem desfrutar gratuitamente das instalações e aparelhos disponibilizados na Academia Carioca. Sob orientação de educadores físicos os usuários podem realizar caminhadas, natação, hidroginástica, karatê e dança. Além disso, as duas unidades básicas de saúde da área

possuem nutricionistas disponíveis para acompanhar o quadro de nutrição dos usuários. Imersos em uma rotina voltada para a melhoria da qualidade, estes indivíduos podem desejar aprofundar-se na temática, utilizando a Internet como fonte de pesquisa para maiores informações.

Estes resultados encontrados em Manguinhos são semelhantes aqueles encontrados no estudo realizado nos Estados Unidos. Nele os autores concluíram que informação sobre nutrição e bem-estar é em geral mais procurada do que qualquer outro tópico relacionado à saúde (WEAVER et al, 2009). A procura por informações on-line sobre bem-estar e qualidade de vida na rede demonstra uma postura pró-ativa dos indivíduos em relação à sua saúde. Isso se justifica na medida que a informação pesquisada não está necessariamente relacionada a uma doença ou condição de saúde já instalada.

Um terceiro aspecto nos chamou atenção nos resultados desta pesquisa. O uso recorrente da Internet para acessar informações sobre saúde não supriu a necessidade do entrevistado esperar pela consulta com um profissional de saúde. Apenas 1,7% daqueles que acessam informação sobre saúde relataram que utilizariam a Internet ao invés de consultar-se com seu médico. Dos pacientes pesquisados, 39% relataram acessar a Internet antes da consulta médica e 32, 2% após a consulta. Estes percentuais apontam possíveis continuidades e rupturas na tradicional relação médico-paciente.

Em relação aos jovens pesquisados, ao invés de se limitarem às informações recebidas pelo médico, aqueles que são curiosos sobre seu estado de saúde muitas vezes optam por pesquisar informações antes da consulta para se conscientizarem acerca de possíveis diagnósticos ou tratamentos. Outros que desejam se aprofundar no diagnóstico ou tratamento proferido pelo médico decidem acessar informações sobre saúde após a consulta, possivelmente complementando ou comparando as instruções recebidas pelo profissional de saúde. O médico não é mais a única fonte de informação sobre saúde para esses jovens.

Nossa pesquisa indicou que apenas 1,7% dos jovens entrevistados acessam a Internet em vez de procurarem agendar uma consulta médica. O consultório médico ainda é para eles a principal fonte de informação e aconselhamento. Estes resultados corroboram com a premissa, apontada em outros estudos (COELHO et al, 2013), de que médicos, apesar de não serem a única fonte de informação, continuam sendo o mais reconhecido

portador de informação sobre saúde. Os dados apontam que a confiança do paciente em relação ao médico ainda existe. Este fato pode ter sido reforçado pela especificidade da população pesquisada neste estudo de caso. Como ressaltado anteriormente, os jovens pesquisados estão aguardando a consulta em uma sala de espera, imersos, portanto, a uma rotina médica regular. Eles devem estar sendo acompanhados pelo mesmo profissional ao longo de anos, até mesmo desde seu nascimento. A regularidade e estabilidade do acompanhamento podem estimular a confiança e a credibilidade da figura médica. Sua autoridade e prestígio não parecem ter sido abalados com a disponibilidade e rapidez da informação oferecida pela Internet. Percebemos neste estudo que o capital social e simbólico do profissional de saúde continua significativamente consolidado entre esses jovens (BOURDIEU, 2007).

Considerações Finais

Os resultados obtidos sugerem uma relação significativa entre jovens adultos, Internet e saúde. A população pesquisada usa amplamente esta tecnologia como fonte de informação sobre saúde.

Os jovens de Manguinhos, apesar de residirem em uma comunidade de baixa renda, possuem hábitos e comportamentos tipicamente atribuídos à “Geração Y”, da qual fazem parte. São indivíduos que também podem ser considerados digitalmente incluídos, ainda que estejam inseridos em um contexto de exclusão social, possuindo em média baixa escolaridade e renda. A popularização da telefonia e Internet móveis entre o grupo pesquisado contribuiu para o deslocamento entre o binômio exclusão social-exclusão digital. Para muitos, o acesso à Internet chegou antes do acesso ao ensino público superior, ao mercado de trabalho, ao aumento da renda ou até mesmo ao saneamento básico.

A inserção desses jovens na Estratégia Saúde da Família influenciou os resultados obtidos. Embora pesquisem informações sobre saúde na rede, os jovens adultos de Manguinhos continuam confiando no profissional de saúde, vendo-o como a principal fonte de informação sobre saúde. A contínua submissão à ordem biomédica decorrente da extensão e regularidade do acompanhamento profissional contribui para que os indivíduos pesquisados não substituam a consulta médica pelas informações obtidas na Internet. A

orientação profissional para uso e a disponibilização gratuita de medicamentos evitam que os indivíduos pesquisados recorram a automedicação e a compra de medicamentos on-line.

Neste estudo de caso, analisamos o perfil dos jovens residentes em uma comunidade de baixa renda, atendidos pela atenção primária da região, ou seja, formalmente inseridos no sistema público de saúde. A fim de explorar variáveis não abarcadas neste estudo de caso, propomos uma possível agenda de pesquisa sobre o tema.

A primeira conclusão que chegamos neste estudo foi que os jovens de comunidades como manguinhos acessam a Internet. Pesquisas sobre a “Geração Y” de baixa renda são residuais. Estudos futuros poderiam explorar hábitos e comportamento deste grupo etário em outras localidades com perfil socioeconômico similar. Estudos comparativos poderão ser realizados entre indivíduos desta geração originários de diferentes realidades socioeconômicas, ou com outros grupos geracionais, anteriores ou sucessores à “Geração Y”. Assim poderíamos ratificar, ou não, esta primeira conclusão.

Uma segunda conclusão relaciona-se com perfil de consumo de informações de saúde on-line. Os entrevistados neste trabalho aguardavam o momento da consulta, ou seja, estavam plenamente inseridos no Sistema Único de Saúde. As respostas sobre a centralidade do médico, a aquisição de medicamentos e as preocupações com dietas e alimentação nos pareceram ser consequência do ambiente institucional em que os depoentes se encontravam. Outras investigações poderiam aplicar a mesma ferramenta a jovens, com o mesmo perfil socioeconômico, inseridos em outros ambientes institucionais, como escolas, clubes, festas, igrejas. O lugar da saúde na busca por informação on-line deve ser diferente daquele apresentado neste trabalho. Jovens aguardando consulta em um serviço privado devem ter um padrão de resposta diferente.

As barreiras e as condições de acesso à Internet podem ser igualmente explorados por outras pesquisas. Ações subsequentes à pesquisa de informação, efeitos sobre o estado de saúde e impactos na relação médico-paciente também podem ser investigados. Com isso estaremos aprofundando o conhecimento acerca do comportamento durante o processo de busca de informação sobre saúde entre jovens dentro e fora de um de seus principais espaços de sociabilidade: o ciberespaço.

Referência Bibliográficas

AMARAL, A.; MONTARDO, S.P. Pesquisa em cibercultura: análise da produção brasileira da Intercom. XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação; Recife, PE; set 2011.

BESSET, T. L. et al. Do Internet interventions for consumers cause more harm than good? A systematic review. **Health Expectations**, vol. 5, p. 28-37, 2002.

BITTENCOURT, A. T. Uso de telefones celulares em tempos de convergência: um estudo de caso com pré-adolescentes em Curitiba. **Razón y Palabra** [on-line], 2009. Disponível em: <<http://www.razonypalabra.org.mx/Usode%20de%20te...pdf>>. Acesso em 11 fev 2014.

BURNDORF M.K.; WAGNER T.H.; SINGER S.J.; BAKER L.C. Who searches the Internet for health information? **Health Service Research**, n. 41, p. 819–836, jun 2006.

CASTELLS, M. et al. **Comunicación móvil y sociedad, una perspectiva global**. E-book. Disponível em: <<http://citep.rec.uba.ar/ubatic/wp-content/uploads/2012/04/Castells-comunicaciones-moviles-y-sociedad1.pdf>> Acesso em 11 fev 2014.

_____. **A galáxia Internet**: reflexões sobre a Internet, negócios e a sociedade. São Paulo: Zahar, 2003

CLINE, R.; HAYNES, K. Consumer health information seeking on the internet: the state of the art. **Oxford Journal**, vol 16, n. 6, p. 671-692, 2001. Disponível em: <<http://her.oxfordjournals.org/content/16/6/671.abstract>> Acesso em 03 jan 2014.

COELHO, E.; COELHO, A.; CARDOSO, J. Informações médicas na Internet afetam a relação médico-paciente. **Bioética**, vol. 21, n. 1, p. 142-149, 2013. Disponível em: <http://revistabioetica.cfm.org.br/index.php/revista_bioetica/article/viewFile/728/866>. Acesso em 11 fev 2014.

COHEN, R.; ADAMS, P. Use of the internet for health information: United States, 2009. **Center for Disease Control and Prevention**, vol. 66, 2011. Disponível em: <<http://www.cdc.gov/nchs/data/databriefs/db66.htm>>. Acesso em 11 fev 2014.

COMITÊ GESTOR DA INTERNET NO BRASIL. **TIC Domicílios e empresas 2011**: pesquisa sobre o uso das tecnologias de informação e comunicação no Brasil. Jun 2012. Disponível em: <<http://op.ceptro.br/cgi-bin/cetic/tic-domicilios-e-empresas-2011.pdf>>. Acesso em 11 fev 2014.

COMITÊ GESTOR DA INTERNET NO BRASIL. **TIC Domicílios e empresas 2012**: pesquisa sobre o uso das tecnologias de informação e comunicação no Brasil. Jun 2013. Disponível em: <<http://www.cetic.br/publicacoes/2012/tic-domicilios-2012.pdf>>. Acesso em 11 fev 2014.

EDEJER, T. T. T. Disseminating health information in developing countries: the role of the Internet. **BMJ**, vol. 321, n. 7264, p. 797-800, 2000.

FIDALGO, A.; Canavilhas, J. Todos os jornais no bolso: pensando o jornalismo na era do celular. In: RODRIGUES, C. (org). **Jornalismo on-line**: modos de fazer. Rio de Janeiro: Sulina, 2009, p.

99-117.

F-NAZCA SAATCHI & SCHAATI; DATAFOLHA. **Panorama do Brasil na Internet**. Out. 2013. Disponível em: <http://www.fnazca.com.br/wp-content/uploads/2013/12/fradar-13_publica-site-novo.pdf> Acesso em 11 fev 2014.

FOX, S.; JONES, S. **The social life of health information**. Washington: Pew Internet and American Life Project, 2009. Disponível em: <http://www.pewinternet.org/~media/Files/Reports/2009/PIP_Health_2009.pdf>. Acesso em 11 fev 2014.

GARBIN, H. B. R.; PEREIRA NETO, A. F.; GUILAM, M. C. R. **A internet, o paciente expert e a prática médica: uma análise bibliográfica**. *Interface (Botucatu)*, Set 2008, v.12, n. 26, p.579-588.

_____. Internet na promoção da saúde: um instrumento para o desenvolvimento de habilidades pessoais e sociais. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**. 2012 Jan;22(1):347–63.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5ª ed. São Paulo: Atlas, 1999

GUTIÉRREZ, L. H.; GAMBOA, L. F. Determinants of ICT usage among low-income groups in Colombia, Mexico, and Peru. **The Information Society**, vol. 26, n. 5, p. 346–363.

INTERNET WORLD STATS. **Internet usage statistics: the Internet big picture (world i Internet users and population stats)**. Disponível em: <<http://www.internetworldstats.com/stats.htm>>. Acesso em 27 fev 2014.

JENKINS, H. **Cultura da convergência**. São Paulo: Aleph, 2009.

LABORATÓRIO TERRITORIAL DE MANGUINHOS (LTM). **Manguinhos no tempo**. Disponível em : <<http://www.conhecendomanguinhos.fiocruz.br>>. Acesso em 10 jan 2014.

LEMONS, A. Cibercultura e mobilidade: a era da conexão. **Razón y Palabra** [on-line], 2004. Disponível em: <<https://www.razonypalabra.org.mx/anteriores/n41/alemos.html>>. Acesso em 10 jan 2014.

PEREIRA NETO, A.; MELO, A.; NOYES, A. A community profile of internet use in a low-income health clinic in rio de janeiro, brazil. **Rev.. Eletr. de Com. Inf. Inov. Saúde.**, vol 7, n 2. Disponível em <<http://www.reciis.icict.fiocruz.br/index.php/reciis/article/viewArticle/800/1622>>. Acesso em 11 fev 2014.

PEW RESEARCH CENTER. **Health topics**. Washington, 2011. Disponível em <http://www.pewinternet.org/~media/Files/Reports/2011/PIP_Health_Topics.pdf>. Acesso em 11 fev 2014.

PIOVESAN, A.; TEMPORINI, E. R. Pesquisa exploratória: procedimento metodológico para o estudo de fatores humanos no campo da saúde pública. **Rev. Saúde Pública**, Ago 1995, vol.29, no.4, p.318-325.

PREFEITURA DO RIO DE JANEIRO. **Bairros cariocas**. Disponível em:
<http://portalgeo.rio.rj.gov.br/bairros Cariocas/index_bairro.htm> Acesso em 11 fev 2014.

PRENSKY, M. Digital natives, digital immigrants. **MCB University Press**, vol. 9, n. 5, out 2011.
Disponível em:
<<http://www.marcprensky.com/writing/Prensky%20-%20Digital%20Natives,%20Digital%20Immigrants%20-%20Part1.pdf>>. Acesso em 18 jan 2014.

SORJ, B; GUEDES, L.E. Exclusão Digital: Problemas conceituais, evidências empíricas e políticas públicas. **Novos Estudos**, 72, 101-17, 2005.

TERRITÓRIO ESCOLA MANGUINHOS (TEIAS). **Quem somos**. Disponível em:
<<http://andromeda.ensp.fiocruz.br/teias/quem-somos>> Acesso em 11 fev 2014.

TELECO. **Estatísticas de celulares no Brasil**. Disponível em: <
<http://www.teleco.com.br/ncel.asp>>. Acesso em 27 de fev 2014.

VANBIERVLIET, A.; EDWARDS-SCHAFFER, P. Consumer health information on the web: trends, issues and strategies. **MEDSURG Nursing**, vol. 13, n. 2, p. 91-96, abr 2004.

WAGNER, T. H. et al. Free Internet, the digital divide, and health information. **Medical Care**, vol. 43, n. 4, p. 415-420, abr 2005.

WEAVER, J. B. et al. Health Information-Seeking Behaviors, Health Indicators, and Health Risks. **American Journal of Public Health**, vol. 100, n. 8, ago 2010.